O MUNDO PELAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

A despeito das diferenças e distâncias econômicas, políticas e culturais as agências internacionais fornecem mais de 70% de tudo que se ouve, lê ou vê sobre o mundo no Brasil

Todos os dias lemos, ouvimos ou assistimos a notícias que tratam de assuntos diversos em países distintos e distantes: guerras, terremotos e desastres freqüentam as mesmas páginas ou blocos do noticiário internacional, em uma espécie de resumo para o público dos fatos mais importantes que acontecem pelo mundo.

Nas duas últimas décadas, porém, essa noção dos acontecimentos mundiais disponível aos brasileiros mudou sensivelmente de enfoque. Devido à crise econômica iniciada na década de 80, inúmeros meios de comunicação — principalmente jornais e emissoras de TV — desmontaram as suas equipes de correspondentes no exterior e passaram a depender em grande parte das notícias distribuídas pelas agências internacionais.

Pesquisa desenvolvida durante dois anos no Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UERJ demonstra que, caso fosse possível traçar um quadro preciso do mundo a partir do noticiário internacional divulgado pelos principais representantes da mídia nacional, estaria evidenciado que os leitores, ouvintes e telespectadores brasileiros enxergam o mundo sob a ótica de um olhar estrangeiro.

Para se ter uma idéia do poder de informação gerado pelos serviços internacionais basta considerar que, em termos glo-

bais, quatro agências de notícias dominam o mercado mundial na distribuição de material jornalístico: as norte-americanas **UPI (United Press International)** e **AP (Associated Press)**, a francesa **AFP (Agence France Presse)** e a britânica **Reuters**, que desde o período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial se tornaram responsáveis por aproximadamente 90% do noticiário estrangeiro utilizado por meios de comunicação de massa em todo o mundo.

ESTILOS E MODELOS

Por essa razão, as agências internacionais freqüentemente costumam ser acusadas de distribuir textos a partir de uma perspectiva particular, muitas vezes determinada pela própria cultura ou por políticas governamentais adotadas nos países de origem das agências. No caso da América Latina, por exemplo, a influência dos Estados Unidos está presente de forma visível em

A AUTORA

Sônia Virgínia Moreira

Professora do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.

vários setores, em especial o cultural: cinema, música, literatura e história em quadros são algumas das áreas que evidenciam o predomínio da produção norte-americana no Continente.

No campo jornalístico, o Brasil serve como exemplo bastante claro desse tipo de relação, a começar pela imprensa que, ainda na década de 50, substituiu o modelo de jornalismo inspirado nos moldes europeus (quando o texto jornalístico bebia na fonte da literatura) pelos padrões norte-americanos de redação jornalística (com a instituição das atuais técnicas de *lead* e *sublead*)¹.

Da mesma maneira, modelos de comunicação adotados nos Estados Unidos podem ser confirmados na programação desenvolvida pelas emissoras brasileiras de TV (a maioria privada, com parte representativa do tempo de transmissão reservada à publicidade e voltada basicamente para programas de entretenimento de massa), no formato e na disseminação das rádios FM (todas com uma programação estritamente musical e nenhuma estrutura de apoio jornalístico) e no estilo adotado pelas revistas semanais de informação (a *Veja* e a *IstoÉ*, por exemplo, podem ser consideradas versões do estilo editorial lançado pela *Time* e *Newsweek*).

Além da adoção de estilos e modelos importados, a constatação do espaço significativo ocupado rotineiramente pelo material das agências estrangeiras nos noticiários de jornal, revista, rádio e TV do país impõe uma ques-

tão: que assuntos compõem o volume de notícias distribuído cotidianamente via telex, fax ou satélite pelos serviços internacionais?

PREDOMÍNIO DAS AGÊNCIAS ESTRANGEIRAS

De acordo com Regina Zappa², ex-editora de internacional do **Jornal do Brasil**, entre as milhares de linhas produzidas diariamente em todos os cantos do mundo por correspondentes das agências estrangeiras, boa parte representa notícias desprezadas pelos meios de comunicação por não tratarem de um assunto sério ou porque o momento pode estar demandando outras prioridades no noticiário internacional.

Nos últimos anos, porém, a predominância das agências de notícias de países desenvolvidos na área da cobertura jornalística internacional está sendo gradativamente alterada pelo uso disseminado das novas tecnologias, entre as quais se destacam as transmissões via satélite e a utilização de recursos da informática.

A possibilidade de comunicação global proporcionada pela rede **Internet**, por exemplo, torna-se cada vez mais acessível e está colaborando para mudar sensivelmente o sistema de circulação da informação em todo o mundo ao permitir que qualquer cidadão que possua um microcomputador equipado com um *modem*³ ligado a uma linha telefônica possa entrar em contato direto com interlocutores em vários países. Nesse caso, a informação internacional dispen-

1. *Lead* - Os norte-americanos introduziram este termo no jornalismo e nós o adotamos, para significar a cabeça ou a abertura da notícia. Constitui-se na síntese do fato noticiado. Nele estão as informações básicas que respondem às tradicionais perguntas: o quê? quem? como? onde? e por quê? (N.E.)

Sublead - O parágrafo seguinte ao *lead*. Dá as informações não totalmente explicitadas no primeiro parágrafo. (N.E.)

2. ZAPPA, Regina. *Besteira chega diariamente aos jornais pelas agências de notícias*. Rio de Janeiro: **Jornal do Brasil**, agosto, 1986.

3. Placa eletrônica acoplada à CPU — Unidade Central de Processamento do microcomputador, que tem a função de conectá-la a uma linha telefônica, possibilitando a comunicação com outras máquinas, redes ou sistemas. (N.E.)

saria os meios de comunicação tradicionais e proporcionaria mais uma troca do que o recebimento passivo de dados⁴.

A evolução da tecnologia na área das telecomunicações certamente irá alterar de modo decisivo a circulação e o consumo das notícias, ainda que no Brasil tais recursos estejam limitados a uma parcela reduzida de consumidores potenciais de informação.

Segundo o pesquisador Desmond Fischer, o casamento dos computadores com o sistema de comunicação — que representa o fundamento da sociedade de informação — possibilita um aumento tão vasto na capacidade de gerar, processar, distribuir e armazenar informação que no futuro “pode-se reçar uma sobrecarga ou uma **poluição informativa**”⁵.

Enquanto isso não acontece, a cobertura jornalística internacional efetuada pelos principais meios de comunicação brasileiros ainda é escassa e corresponde àquela existente no início da década de 90. Em 1991, estudo⁶ baseado na análise do noticiário de exterior publicado pelos jornais **O Globo**, **O Estado de S. Paulo**, **Jornal do Brasil** e **Folha de S. Paulo** mostrava que, de um total de 3.715 matérias estampadas nas páginas internacionais desses diários, 71% (ou 2.633 notícias) tinham como origem as agências estrangeiras. No mesmo período, os textos de correspondentes estrangeiros e enviados especiais ocupavam, respectivamente, apenas 8,40% e 5,33% do noticiário divulgado pelos quatro jornais pesquisados: em números exatos, significavam 312 matérias de correspondentes e 198 de enviados especiais brasileiros.

Em relação ao conteúdo dos quatro telejornais incluídos na mesma pesquisa, o resultado obtido mostrava-se ainda mais contundente: assim como hoje, no início da década de 90 o *Jornal Nacional*, o *Jornal da Manchete*, o *Jornal Bandeirantes* e o *TJ Brasil*, ainda que em proporções diversas, tinham nos serviços internacionais de imagem e, conseqüentemente, nas agências de notícias estrangeiras, as duas maiores fontes do noticiário internacional, equivalente a 88% do total de 679 matérias transmitidas no bloco de exterior desses telejornais em horário nobre da TV (entre 19h e 21h).

O predomínio dos serviços internacionais de imagens continua a ser tão expressivo que, ainda agora, aos poucos correspondentes internacionais de emissoras como a **TV Globo**, **TV Bandeirantes**, **TV Manchete** e **SBT**, sobram cerca de 10% de espaço nos principais telejornais para a transmissão de notícias por eles apuradas.

Esses números levam a concluir que a idéia de mundo transmitida pelos meios de comunicação ao público brasileiro ainda depende essencialmente da produção jornalística realizada por repórteres estrangeiros que, por não possuírem referências das diferentes culturas nacionais, certamente estarão transmitindo informações genéricas e padronizadas — bastante distintas daquelas que poderiam estar sendo divulgadas caso tivessem como redatores correspondentes brasileiros sediados em capitais estrangeiras.

PROJEÇÃO OTIMISTA

Além desses dados genéricos, é interessante registrar que a mesma análise do

4. Ver sobre o assunto: MACHADO, Arlindo. *As comunicações sob o impacto da informática*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCA/ECA-USP; Moderna, n.º 2, jan./abr. 1995, p. 14-20.

5. FISCHER, Desmond. *O direito de comunicar*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.13.

6. Pesquisa desenvolvida pela autora no Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UERJ.

noticiário internacional dos quatro grandes jornais brasileiros serviu para desmistificar a idéia de que o continente latino-americano seria sistematicamente ignorado pelos meios de comunicação brasileiros: em 1991, o conjunto formado pelos países da América Latina foi objeto do maior número de notícias divulgadas pelos jornais analisados, correspondendo a 20,65% do total. Nos quatro anos seguintes, o processo de discussão que antecedeu a instalação do Mercosul serviria para aumentar a participação dos países latino-americanos no noticiário internacional produzido e divulgado pela mídia brasileira.

Apesar da evolução registrada nesse campo de cobertura jornalística, ainda hoje sobram razões para que persistam as críticas quanto à tendência da grande imprensa brasileira em dar maior destaque, no noticiário internacional, para acontecimentos registrados em países do Primeiro Mundo.

Na pesquisa de 1991, por exemplo, os Estados Unidos sozinhos ocupavam o maior espaço nas páginas dos quatro diários selecionados, considerando-se cada país isoladamente: do total analisado 15,37% correspondiam a notícias relacionadas a fatos gerados ou ocorridos naquele país. A proporção nos telejornais das quatro principais emissoras brasileiras também acompanhava a dos jornais impressos: no mesmo período, os Estados Unidos lideravam o noticiário internacional de TV, representando 16,20% do total de notícias analisadas.

Mesmo com todas essas discrepâncias, uma análise retrospectiva permite observar que a cobertura jornalística de assuntos internacionais, tanto pelos veículos impressos quanto pelos meios eletrônicos brasileiros,

iniciou na década de 90 um processo de rápidas transformações no que se refere às formas de captação e apresentação de notícias. A crescente distribuição de notícias via satélite (ênfaticamente a partir da introdução da CNN, TV a cabo norte-americana dedicada à transmissão de notícias 24 horas ininterruptas) tanto para emissoras de televisão quanto para redes de rádio é sem dúvida um dos inúmeros avanços registrados nessa primeira metade da década.

Da mesma forma, permanecem algumas deficiências nesse setor, das quais talvez a mais significativa seja a manutenção de um reduzido corpo de correspondentes próprios mantidos pelos principais meios de comunicação brasileiros no exterior.

Resultado dos períodos sucessivos de crise econômica atravessados pelo Brasil, a ausência de correspondentes próprios em locais estrategicamente importantes para o país provoca na maioria das vezes um enfoque superficial e distante da realidade brasileira, ao lado da manutenção de uma dependência ainda excessiva do material jornalístico produzido por agências de notícias estrangeiras.

Uma análise da situação atual da cobertura jornalística internacional, entretanto, conduz necessariamente a uma projeção otimista: apesar das dificuldades que ainda deverão ser enfrentadas em relação ao conteúdo (para a obtenção de uma distribuição mais equilibrada das matérias internacionais), esse setor do noticiário tende a evoluir quantitativa e qualitativamente, auxiliado em grande parte pelos recursos tecnológicos cada vez mais acessíveis à área da comunicação em geral e à do jornalismo em particular.